

Recebido em: 23-09-2023

Aceito em: 26-12-2023

VOLTANDO PARA CASA COM A “MALA CHEIA DE SABER”: PERSPECTIVA DE UMA POSTURA PROTAGONISTA DE DISCENTES QUILOMBOLAS DE BIBLIOTECONOMIA

Kátia de Oliveira Rodrigues¹

Raquel do Rosário Santos²

Resumo: O objetivo deste estudo foi o de evidenciar nas narrativas de discentes quilombolas dos cursos de Biblioteconomia indícios de posturas protagonistas em favor de suas comunidades. Quanto à trajetória metodológica, esta pesquisa caracteriza-se como descritiva, de natureza qualitativa, que teve como técnica a aplicação de questionários junto aos(as) discentes dos cursos de Biblioteconomia, nas modalidades presencial e à distância, no Brasil. Entre os resultados, pôde-se observar que quinze (15) discentes expressaram o desejo em retornar a sua comunidade e apenas dois (2) deles(as) responderam de maneira negativa sobre essa possibilidade. Constatou-se que existe o desejo desses(as) discentes de desenvolverem projetos para/com sua comunidade, em que dispositivos informacionais e culturais possam estar à disposição dessa, o que evidencia uma postura protagonista por parte desses(as) discentes.

Palavras-chave: Discentes quilombolas de Biblioteconomia. Mediação Cultural. Leitura. Protagonismo.

1 INTRODUÇÃO

A leitura é entendida como um ato de construção que possibilita a apropriação das informações, entre estas às relacionadas as manifestações culturais. Portanto, torna-se basilar a percepção da integralidade dos atos de ler os vestígios culturais a fim de favorecer o fortalecimento da constituição identitária de povos sub-representados, como os remanescentes quilombolas. Assim, para alcance da postura protagonista, que interfere no processo de desenvolvimento das comunidades quilombolas, é necessário o acesso à informação que se efetiva por meio de uma leitura crítica, subsidiando uma ação humanizadora e consciente por parte de profissionais da informação, como os(as) bibliotecários(as).

Nessa conjuntura, este texto apresenta resultados da pesquisa em andamento realizada por docentes da Ciência da Informação que em suas atividades acadêmicas identificaram a relevância

¹ Professora Adjunta do Instituto de Ciência da Informação (ICI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da UFBA. E-mail: katiarodrigues10@gmail.com

² Professora Adjunta do Instituto de Ciência da Informação (ICI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da UFBA. Email: quelrosario@gmail.com

de contribuir com discentes integrantes de Comunidades Remanescentes de Quilombo (CRQ) e apoiar o processo de conscientização desses(as) como mediadores(as) da informação que podem colaborar para emancipação e protagonismo de outros sujeitos, especialmente pertencentes a sua comunidade. Portanto, foi traçado como objetivo deste estudo evidenciar nas narrativas de discentes quilombolas dos cursos de Biblioteconomia indícios de posturas protagonistas em favor de suas comunidades.

Quanto à trajetória metodológica, foi adotada como técnica de coleta de dados a aplicação de questionário junto aos(às) discentes vinculados(as) aos cursos de Biblioteconomia, nas modalidades presencial e à distância, no Brasil. A partir da coleta dos dados, esses foram analisados na perspectiva da abordagem qualitativa, de modo a interpretar as respostas dos(as) discentes à luz da literatura, tendo como embasamento teórico e empírico os estudos de DaMatta (1981), Ciampa (1991), Lima e Perrotti (2016), Silva e Santos Neto (2017), ao tratarem sobre cultura e mediação da cultura; como também os de Martins (1988) que reflete sobre a abrangência do ato de leitura; os estudos de Perrotti (2017) sobre protagonismo cultural; e os de Leite (2008), que trata sobre CRQ.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E EMPÍRICO

Reconhecer as práticas e os bens culturais favorece o respeito à diversidade que existe na singularidade que cada ser manifesta nos espaços sociais. Esse ato de (re)conhecimento possibilita que os sujeitos possam agir de maneira humanizadora e pautados pelo viés da alteridade, em que as diferenças podem ser manifestas, e grupos historicamente sub-representados possam ter a oportunidade de expressar-se e de romper um sistema que, por muito tempo, os manteve invisibilizados e inaudíveis. Nesse sentido, DaMatta (1981, p. 4) defende que entender a cultura permite

[...] uma perspectiva mais consciente de nós mesmos, porque diz que não há homens sem cultura e permite comparar culturas e configurações culturais como entidades iguais, deixando de estabelecer hierarquias em que inevitavelmente existiriam sociedades superiores e inferiores.

Quando se busca refletir sobre a cultura, os sujeitos vivenciam um processo de (re)conhecimento sobre si, mas também sobre seu coletivo, suas práticas e relações com o mundo, de modo que cada sujeito, em sua singularidade, pode alcançar uma compreensão mais ampla de sua existência e participação na pluralidade que envolve o coletivo que integra, como também este

interfere no modo que aquele se relaciona com outros grupos socioculturais. Dessa maneira, ao estimular a curiosidade que cada ser crítico – insaciável em investigar, compartilhar e produzir novos conhecimentos – possui, pode-se admitir a transformação que o ato de se informar opera no ser, haja vista que seu entendimento sobre si se torna mais complexo, pois admite as forças e fragilidades de atuar nas “configurações culturais” que envolvem o agir individual e coletivo. Assim, informar-se sobre o sentido amplo de cultura, identificar as práticas culturais que agem e interferem sobre os sujeitos e esses sobre a cultura trata-se de um modo de entender sobre si e o *outro*, operando de maneira consciente sobre os sistemas socioculturais que interferem na diversidade que compõe a coletividade.

Para DaMatta (1981, p. 4), “[...] a cultura permite traduzir melhor a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos”. Nessa conjuntura complexa de si e do outro que a tão sonhada “máquina do tempo” se revela em sua mais possível forma de evitar os equívocos no processo de desenvolvimento humano, quando as gerações atuais têm o encontro com o passado e podem interferir no futuro; os distantes e os diferentes podem se relacionar, em um processo de percepções, interação e ampliação de perspectivas, ou seja, a possibilidade que Ciampa (1991, p. 64) destaca ao refletir que “O conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses, etc.”

Ao concordar sobre a reciprocidade em identificar-se no outro, especialmente pelas diferenças, torna-se preciso refletir que o conhecimento de si só é possível por esse processo, ainda que na complexidade de ler as entrelinhas, muitas vezes subliminares e desafiantes, exista a necessidade de investigar cautelosamente os discursos sobre a “naturalidade” dos fatos. Os elementos que permitem uma (re)leitura da diversidade cultural podem ser identificados nos documentos que registram as transformações do ser e de seu coletivo. Evocar vestígios culturais possibilita que o sujeito, independentemente da fase de sua vida, possa compreender e atribuir sentido a sua existência, de modo a (re)conhecer a diversidade que há em si.

Sobre cultura, Silva e Santos Neto (2017, p. 31) afirmam que se trata de “[...] um conjunto de elementos que são incorporados pelo homem que vive em sociedade e por aqueles que são construídos a partir de sua inteligência, envolvendo seus gostos e comportamentos, posições e discursos, características e divergências, contextos e meio social”. A partir da reflexão de Silva e

Santos (2017), compreende-se a possibilidade de a constituição cultural interferir na existência e relação dos sujeitos, como também de esses agirem sobre a cultura. Nesse processo, a leitura dos elementos culturais possibilita identificar os traços identitários individuais e coletivos que podem motivar a busca por justiça social e o alcance das contribuições proporcionadas ao coletivo. Dessa maneira, é apenas por meio da leitura que os sujeitos interpretam e se apropriam de informações que os apoiam à compreensão dos elementos culturais. Portanto, toma-se como base conceitual o entendimento de Martins (1988, p. 30, grifo da autora) sobre leitura, visto que a autora entende essa ação como:

[...] um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido.

A partir da citação de Martins (1988), entende-se que a leitura é um processo, portanto não se faz em um ato mecânico e instantâneo de decodificação de signos, mas na busca pela compreensão das diversas expressões humanas de compartilhar seus saberes e fazeres, em seu tempo e seu território, favorecendo a compreensão do mundo. Assim, o ato de ler implica a atribuição de sentidos que se inter-relaciona às experiências e expressões culturais que constituem o ser.

Cavalcante (2020, p. 4), ao refletir sobre a leitura, esclarece que essa “[...] pode propor caminhos por meio da linguagem e da cultura, não subordinadas às formas de dominação”. Pois, durante o ato de ler, pode ocorrer a apropriação das informações, inclusive das que tratam de elementos culturais que transparecem os movimentos de luta que ocorreram e indicam os que ainda são necessários, visando a ruptura de ações coloniais de segregação social. Torna-se essencial a atuação do(a) bibliotecário(a) como mediador(a) cultural, que busca no processo de (re)leitura de elementos culturais, apoiar a apropriação de saberes que contribuam para o fortalecimento dos sujeitos sociais e do coletivo.

Conforme Silva e Santos Neto (2017, p. 32), “A mediação cultural visa apresentar e tornar conhecida as diferentes manifestações culturais presentes na esfera social”. Pode-se compreender que as atividades de mediação cultural podem tanto apresentar e favorecer o conhecimento do novo, seja com semelhanças e diferenças em relação à cultura, quanto descortinar práticas e bens culturais que foram invisibilizados por grupos hegemônicos. O ato de mediar a cultura pode favorecer o (re)conhecimento de informações que evidenciem traços identitários de povos e que possibilitem a

luta pela garantia de direito de sujeitos pela responsabilidade de reparação social de povos que foram colocados à margem da sociedade.

A história dos povos deve ser acessível para todos. Não pode ser guardada em lugares imponentes e silenciosos em que os sujeitos sentem “medo” de expressar-se, de manifestar o desejo e a busca pelo encontro. É preciso que o(a) bibliotecário(a), agente mediador(a), reivindique ambientes que possibilitem o prazer de agir, nos quais possam ser desenvolvidas práticas com e a favor do coletivo, e lute de maneira conjunta pelos direitos humanos, especialmente de grupos sub-representados. Assim, “[...] a mediação seria a ação que pode transformar os significados e o estado de incomunicabilidade entre os bens culturais e um indivíduo, grupo ou coletividade” (Lima; Perrotti, 2016, p. 169), pois a mediação cultural pode ser entendida como a possibilidade de encontro entre os sujeitos e os bens culturais, o que pode reverberar em postura, não apenas de consumidor, mas também de produtor desses bens.

Sobre esse aspecto, Lima e Perrotti (2016, p. 173) ressaltam que a mediação cultural tem por objetivo

[...] proporcionar igualdade de oportunidades e condições para que as pessoas estejam inseridas como protagonistas no percurso cultural e, assim, em processos dinâmicos de apropriação, possam se apropriar, ressignificar e reconstruir os bens culturais, bem como inventá-los, defini-los e renová-los.

A inquietação do ser para alcançar respostas deve mover-se para a busca por informações, não de qualquer ordem, mas aquelas que possibilitam acesso aos saberes de pessoas que foram capazes de vivenciar e compartilhar experiências, ultrapassando os limites de preservar-se do questionamento e do convite ao debate. O(a) bibliotecário(a), como agente mediador(a), deve agir a favor da oportunidade e das condições baseadas na equidade social em que a singularidade das histórias de vida, das lutas individuais e dos processos de rompimento de barreiras possam ser considerados, favorecendo que modos de exposição de informações, por meio dos mais variados repertórios, sejam acessados. Assim, entre a oportunidade de desvendamento dos enigmas que permeiam a racionalidade e as emoções humanas e a latente busca por novas respostas, o(a) bibliotecário(a) também deve provocar e propor a problematização de respostas já alcançadas, em um convite de “reconstrução” e “ressignificação” de práticas culturalmente aceitas a fim de buscar novas perspectivas de análise dos fenômenos sociais que permeiam os ambientes culturais em um processo de atingir o protagonismo.

Sobre o protagonismo cultural, Perrotti (2017, p. 15) afirma que “Significa resistência, combate, enfrentamento de antagonismos produzidos pelo mundo físico e/ou social e que afetam a todos”. Desse modo, o(a) agente mediador(a), ao atuar com e a favor do coletivo – rompendo com a instância privada, do ser que busca e preza pelo conforto de não confrontar o que é aceito coletivamente –, “resiste” às afirmações rotuladas “verdadeiras” e combate e enfrenta as injustiças, a favor da inclusão, do acesso à informação que apoia a conquista de justiça e o pleno exercício do ser cidadão, ou seja, favorece a multiplicidade de condições para que outros possam atuar como protagonistas.

O protagonista não é prisioneiro nem do eu, nem do nós. Está em estado permanente de regulação entre forças contrárias e inevitáveis que atuam no jogo das significações. Ele confronta signos, palavras, memórias, valores. Torna própria a informação de outrem, dá vida, carnalidade, imprime suas marcas aos signos, devolvendo-os ao espaço público de onde se originam (Perrotti, 2017, p. 23).

O protagonista cultural deve atuar a favor das diversas coletividades para que vozes historicamente silenciadas possam ter reverberação, de modo que possa ocorrer a decolonialidade de “signos”, “palavras”, “memórias” e “valores”. É preciso considerar os saberes, ter acesso às fontes vivas, (re)ler músicas e fotografias em um processo de compartilhar narrativas por diversos dispositivos informacionais a fim de ampliar os repertórios culturais, haja vista que “Os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contra discursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias” (Ribeiro, 2017, p.43).

Torna-se uma responsabilidade social do(a) agente mediador(a) – entre os profissionais, o(a) bibliotecário(a) – agir para que seja potencializado o acesso à informação decolonial, possibilitando difundir narrativas que rompam os padrões hegemônicos, a fim de que a informação seja uma instância de transformação da vida de sujeitos que buscam alcançar o protagonismo. Entre outras linguagens, a oralidade pode ser uma forma de expressão de sujeitos que, por vezes, não tiveram acesso ao domínio da linguagem escrita e precisam ter seu conhecimento e saberes reconhecidos no ambiente da biblioteca, pois “[...] a oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade” (Vansina, 2021, p. 140). Portanto, essa compreensão demanda uma postura protagonista por parte dos(as) bibliotecários(as) a fim de reconhecerem a importância da leitura e do entendimento das informações expressas por meio da linguagem oral, assim como de outros atos

simbólicos que favorecem a construção e a apropriação das informações carregadas de manifestações culturais.

A biblioteca, o arquivo, o museu, entre outros ambientes de informação e cultura, podem ser lugares de resistência, de tornar central a busca por equidade social de sujeitos que foram colocados à margem e proporcionar a esses o compartilhamento de seus saberes, construídos nos diversos territórios, por vezes estigmatizados. Assim, o(a) bibliotecário(a), como agente mediador(a) cultural, deve possibilitar que a periferia se torne “centro” em um movimento “[...] de resistir à opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos a novos discursos” (Kilomba, 2019, p. 68).

É relevante que os(as) bibliotecários(as), como agentes que desejam favorecer a ressignificação de saberes culturalmente construídos, tenham o entendimento de que romper com discursos historicamente aceitos demanda uma (re)leitura atenta das entrelinhas, que, por vezes, disfarça sentidos implícitos. Realizar uma leitura crítica das narrativas, de modo a decolonizar conhecimentos, deve ser o objetivo de bibliotecários(as) que buscam atuar na mediação e como protagonistas culturais.

[...] existe uma cobrança maior em relação aos indivíduos pertencentes a grupos historicamente discriminados, como se fossem mais obrigados do que os grupos localizados no poder, de criar estratégias de enfrentamento às desigualdades. O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas (Ribeiro, 2017, p. 39).

O ato mediador deve apoiar sujeitos proativos que lutam por seus direitos por meio de informações sobre instâncias, agentes e ações que potencializam a difusão e fortalecem a busca por conquistas sociais para o coletivo. O(a) bibliotecário(a) deve reivindicar seu lugar de luta, de resistência e protagonismo, agindo a favor da multiplicidade de outros protagonistas, fomentando o exercício de atuar em coletivo. Agir só, na busca por reconhecimento de seus esforços, é um lugar solitário que pode enfraquecer movimentos sociais de luta pelas manifestações culturais. Dessa maneira, o espaço privado deve ser reconduzido para o lugar público de lutas pelo e com o coletivo. Assim, enquanto houver desigualdade e qualquer forma de opressão, existirá a necessidade de potencializar a disseminação e o acesso à informação; da atuação do(a) bibliotecário(a); e da luta diária e resiliente a favor do coletivo, em que (re)existe a diversidade.

Entre as comunidades que devem ter espaço de expressão e compartilhamento de suas práticas culturais, integrando os ambientes e atividades mediadoras, estão as CRQ. Leite (2008, p. 969) afirma que essas comunidades vieram “[...] também sistematizar um conjunto dos anseios por ações em políticas públicas visando reconhecer e garantir os direitos territoriais dos descendentes dos africanos capturados, aprisionados e escravizados pelo sistema colonial português”. As CRQ devem ser consideradas por seus saberes, pela luta e pela força de seu povo que, historicamente, busca condições dignas de existência no mundo. Apesar de um processo histórico de sub-representação, a comunidade quilombola (re)existe e deve ter apoio dos(as) bibliotecários(as) para que informações possam ser difundidas sobre suas reivindicações, como também para que essa comunidade tenha acesso a informações que fundamentem seus discursos a favor de direitos e justiça social.

Nessa conjuntura, reitera-se a importância de ações protagonistas de bibliotecários(as) que considerem as singularidades dos sujeitos que integram esses coletivos, a fim de ampliar o compartilhamento de saberes e vivências, de modo que possam ser reconhecidas e respeitadas as diferenças socioculturais, em um processo de ressignificação das manifestações culturais que fortalecem a constituição identitária.

3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Esta pesquisa caracteriza-se como descritiva, tendo como método o levantamento de campo. Segundo Gil (2002, p. 50), “As pesquisas deste tipo caracterizam-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer”. Dessa maneira, o objetivo desta pesquisa foi evidenciar nas narrativas de discentes quilombolas dos cursos de Biblioteconomia indícios de posturas protagonistas em favor de suas comunidades.

É válido esclarecer que o *corpus* desta pesquisa é composto por discentes selecionados pela amostragem por conveniência, tendo em vista que os sujeitos são discentes vinculados aos cursos de Biblioteconomia, tanto na modalidade à distância quanto presencial, no Brasil. A amostragem por conveniência orienta como critério de inclusão para fazer parte da pesquisa o potencial de informação que a amostra possibilita e a acessibilidade à limitação operacional (Braga, 2010; Gressler, 2004).

Para identificar as universidades que ofertam cursos de Biblioteconomia optou-se por consultar o Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior,³ do Ministério da Educação. Nesta pesquisa ao site identificou-se 54 instituições de ensino superior,⁴ totalizando 65 cursos de graduação em Biblioteconomia em atividade. Após esta etapa, mapeou-se o e-mail dos coordenadores dos referidos cursos, para iniciar a coleta dos dados.

Para a etapa da coleta de dados, adotou-se como técnica a aplicação de questionário disponibilizado através do Google Forms, cujo *link* foi encaminhado para os coordenadores dos referidos cursos através de *e-mail*, estando disponível para resposta no período de 17 de outubro a 29 de novembro de 2022. Optou-se por recorrer aos coordenadores tendo em vista que estes estabelecem diálogo constante com os discentes, como também podem administrar os canais de comunicação do curso. A partir desse procedimento, esta pesquisa contou com a resposta de 17 discentes dos cursos de Biblioteconomia, advindos de Estados brasileiros como: Bahia; Pará; Sergipe; Espírito Santo e Goiás. Aproveita-se para esclarecer que embora os discentes sejam oriundos de instituições de ensino superior, que ofertam cursos de Biblioteconomia, para esta pesquisa o objetivo consistia em evidenciar nas narrativas de discentes quilombolas dos cursos de Biblioteconomia indícios de posturas protagonistas em favor de suas comunidades e decidiu-se por não solicitar a identificação da instituição ao qual os discentes estavam matriculados.

Vale ressaltar que seguindo os parâmetros éticos desta pesquisa, adotou-se como modo de preservação das identidades dos(as) discentes que participaram da pesquisa a utilização de código alfanumérico entre DQB01 e DQB17, com o código significando Discente Quilombola de Biblioteconomia e a numeração correspondendo à quantidade de discentes que responderam o questionário.

Ao finalizar o processo de coleta de dados, as respostas foram interpretadas a partir da abordagem qualitativa. Conforme Minayo (2001, p. 21-22), a abordagem qualitativa trabalha com o universo de “[...] significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

³ Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/emec/nova>

⁴ O quantitativo de universidades é menor que o número de cursos ofertados porque algumas universidades possuem cursos presenciais e a distância, a exemplo da Universidade Federal do Rio Grande; Universidade Federal da Bahia; Universidade Federal do Pará, entre outras.

Também se recorreu à técnica de análise do conteúdo, que, segundo Bardin (2016, p. 37), é “[...] um conjunto de técnicas para a análise das comunicações.” Nessa perspectiva, Bardin (2016) sugere três fases que foram seguidas no estudo: a) pré-análise: fase de organização, em que se sistematizam as ideias de modo que seja construído um esquema de desenvolvimento da análise; b) exploração do material: corresponde à primeira análise dos dados obtidos com a aplicação do questionário; c) tratamento dos resultados obtidos e interpretação: é a fase em que os resultados são tratados e ocorre a interpretação das respostas oferecidas pelos respondentes. As respostas dos(as) estudantes foram categorizadas e analisadas à luz da literatura.

4 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir da aplicação do questionário, buscou-se reconhecer o perfil dos 17 respondentes desta pesquisa que cursam Biblioteconomia e integram CRQ. Sobre esse aspecto, observou-se que entre esses(as), 14 discentes são mulheres e três homens. Ainda sobre o perfil dos(as) discentes quilombolas, buscou-se identificar a cor ou raça/etnia, sendo possível constatar que um(a) (1) respondente se define como de cor “branca”; três (3) como “parda”; e treze (13) como “preta”. Dessa maneira, pode-se afirmar que a maior parte dos(as) respondentes são mulheres pretas, portanto estando caracterizadas por marcadores sociais que demandam um posicionamento ativo em busca de seus direitos e de uma postura protagonista.

Quanto à localização das comunidades desses(as) discentes, observou-se que existe uma representatividade entre os(as) discentes quilombolas oriundos(as) de diferentes CRQ do estado da Bahia, pois quatro (4) respondentes são baianos(as). Também se constatou a presença de discentes dos estados do Pará (2), Sergipe (2), Espírito Santo (1) e Goiás (1), além de sete (7) respondentes que estão distribuídos em outros estados brasileiros que não foram identificados. Assim, esta pesquisa alcançou respondentes de diferentes territórios brasileiros que em suas narrativas expressam vivências que se associam.

Ao serem questionados sobre o motivo de cursarem Biblioteconomia, alguns respondentes revelaram um desconhecimento inicial sobre o curso, mas que foi ressignificado ao longo de sua trajetória por diferentes vivências, como explicitado por DQB08, DQB09 e DQB11 respectivamente – “A matéria”, “Me inscrevi no curso por engano” e “Além da curiosidade tentei algo novo e desafiador”. Contudo, DQB10 sintetiza essa transição de perspectiva que alguns

discentes experienciam frente ao desconhecido, pois a discente relata: “*Não foi minha primeira opção de curso, depois fiquei apaixonada por documentos raros*”. (DQB10). Essa narrativa possibilita inferir que, ao cursar os componentes curriculares, a discente constatou a diversidade de temáticas discutidas, assim como os campos de atuação, ampliando sua perspectiva de futuro.

Outro motivo para cursar Biblioteconomia apontado pelos(as) discentes tem relação com livro e leitura.

O prazer pela leitura. (DQB01)

A paixão pelos livros, leitura, escrita, educação e biblioteca. (DQB03)

Meu interesse em incentivar a leitura e o acesso à informação em minha comunidade. (DQB12)

O gosto pela leitura e livros. (DQB17)

As respostas anteriores evidenciam a importância do ato de ler que orientou os(as) discentes a cursarem Biblioteconomia. Dessa maneira, esses sujeitos realizaram uma leitura de si e do mundo que os conduziu à percepção do(a) bibliotecário(a) como um(a) agente mediador(a) que tem na leitura, informação e documentos a possibilidade de transformar vidas e contribuir para a sociedade. O “prazer”, “paixão”, “gosto” são sentimentos que expressam o desejo de seguir a trajetória de um(a) mediador(a) da informação e da leitura que pode interferir na cultura, especialmente em sua comunidade; percepção que se aproxima da reflexão de Cavalcante (2020), quando a autora relaciona a leitura aos aspectos culturais, em um ato de resistência às formas de “dominação”.

DQB04, por sua vez, afirmou que o curso “*Despertou o olhar para o conhecimento*”. Ao incorporar em sua narrativa o termo “conhecimento” para fazer referência ao motivo que o(a) levou a cursar Biblioteconomia, possibilita a compreensão de que o(a) discente passou a reconhecer a importância do ato de conhecer, o que pode possibilitar que esse(a) vivencie experiências que estimulem sua percepção e compreensão de si, de sua história e de seu povo. Essa narrativa possui inter-relação com o que reflete Ciampa (1991) ao tratar do conhecimento de si e sua relação com o grupo social pertencente. Desse modo, pode-se inferir que na trajetória acadêmica, ao ter acesso à informação e ser apresentado(a) ao ato de ler, questionar e debater sobre temas socioculturais, os(as) discentes ressignificam os conhecimentos sobre si e o coletivo, em um movimento

fundamentado pela alteridade que (re)conhece a diferença como importante para ampliação de repertórios de saber.

Ainda sobre a motivação dos(as) discentes sobre a escolha do curso de Biblioteconomia, entre os(as) respondentes evidenciou-se o desejo de contribuir para o fortalecimento de sua comunidade, aspecto que perpassa as narrativas a seguir:

A importância da preservação da cultura Afro e a literatura. Com a Biblioteconomia posso levar pro quilombo na prática a lei 10.639. (DQB06)

A minha motivação foi a ausência de profissionais da área dentro de nossas comunidades quilombolas. E a falta de espaço como uma biblioteca dentro das nossas comunidades. (DQB13)

Um sonho de um dia poder ajudar minha comunidade a ter acesso a uma Biblioteca, que ainda não tem. (DQB14)

A necessidade dentro da minha comunidade. (DQB15)

A falta de acesso à informação que a comunidade tem. (DQB16)

Observa-se na resposta do(a) discente DQB06 que esse(a) reconhece na Biblioteconomia a possibilidade de resistência contra o silenciamento e a invisibilidade dessas comunidades quilombolas, em uma perspectiva protagonista, corroborando com o que defende Perrotti (2017). Dessa maneira, no agir do(a) bibliotecário(a) e na ambiência da biblioteca emergem posturas protagonistas que subsidiam a construção de condições que visam o fortalecimento da cultura desse povo tradicional que tem na Lei nº 10.639/2003 aparato para favorecer o acesso às informações sobre a temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da educação brasileira.

Relacionados à reflexão apresentada pelo(a) DQB06, os(as) discentes DQB13 e DQB14 reiteram a importância do(a) bibliotecário(a) e da biblioteca em suas comunidades. Tais narrativas complementam as percepções dos(as) discentes DQB15 e DQB16 que indicam a necessidade do acesso à informação por parte de sua comunidade. Embora DQB15 não explicita a necessidade existente em sua comunidade, pode-se considerar que o acesso à informação está intrínseco a sua fala, pois pode subsidiar a transformação de condições existenciais dessa comunidade, apoiando-a a ter condições dignas e a reparação social que integra o reconhecimento da cultura desse coletivo. Assim, a partir das narrativas apresentadas por esses(as) discentes, constata-se que a informação

acessada por meio da biblioteca e mediada pelos(as) agentes bibliotecários(as) pode transformar vidas e favorecer o alcance da percepção dos sujeitos sobre sua importância na sociedade.

Nesse sentido, os(as) discentes foram questionados(as) sobre a possibilidade e o desejo de retornarem a sua comunidade quilombola após a conclusão do curso em Biblioteconomia. Como resultado, quinze (15) expressaram o desejo em retornar a sua comunidade e apenas dois (2) deles(as) responderam de maneira negativa sobre essa possibilidade. Sobre esses(as) últimos discentes que não demonstraram desejo em retornar à comunidade quilombola, um (1) não justificou sua resposta e outro(a) afirmou que não mora na cidade.

Quanto aos demais que responderam positivamente sobre o interesse de retornar a sua comunidade quilombola, pode-se analisar as respostas de DQB10, DQB11 e DQB13 que afirmaram:

Quero que minha comunidade tenha acesso à informação, leitura, ação cultural tudo que eu não tive. (DQB10)

É minha essência e do meu povo que sofre e que luta. (DQB11)

Porque como disse anteriormente a importância de profissionais da nossa área dentro das nossas comunidades quilombolas. (DQB13)

A partir das narrativas anteriormente apresentadas, pode-se observar que os(as) discentes demonstram uma conscientização das possibilidades de contribuírem como futuros(as) bibliotecários(as) para o desenvolvimento de suas comunidades. Essas perspectivas podem estar relacionadas à percepção de favorecerem o acesso à informação e à leitura, como ficou evidenciado na fala de DQB10, que se associa às leituras e informações relacionadas às práticas e aos elementos culturais, ou seja, que transparecem sua constituição identitária e permitem um (re)conhecimento de si e de seu coletivo, conforme DQB11 evoca e enaltece sobre a “essência” de si e do seu povo. Essas ações mediadoras, ao serem realizadas de maneira consciente, especialmente por bibliotecários(as) integrantes da comunidade, podem contribuir para o fortalecimento cultural desse coletivo e do sentimento de pertença dos seus membros, convergindo com o que defende DaMatta (1981) ao entender que a cultura permite uma percepção mais consciente de “nós mesmos”.

Essa percepção também está alinhada às respostas de DQB06, DQB12, DQB07 e DQB03, ao ratificarem desde a importância de voltarem e contribuírem com sua comunidade – associando implicitamente essa contribuição ao conhecimento da área em que se especializaram – até a

relevância do compartilhamento e construção de conhecimentos para o desenvolvimento da comunidade quilombola.

É muito importante voltar para nossa casa com a mala cheia de saber. (DQB06)

Desejo voltar para minha comunidade e contribuir para o seu desenvolvimento. (DQB12)

Gostaria de trabalhar para ajudar a minha comunidade a crescer. (DQB07)

Meu desejo é disseminar o conhecimento e contribuir na formação da minha comunidade. (DQB03)

Dessa maneira, seja implícita ou explicitamente, esses(as) discentes de Biblioteconomia relacionam o ato de conhecer ao empoderamento sociocultural, à liberdade de terem opções de alcançar a transformação de suas vidas, dos sujeitos e de sua comunidade. Esse movimento de conhecer e compartilhar, “*voltar para [...] casa com a mala cheia de saber*” para contribuir com o crescimento/desenvolvimento de sua comunidade, transparece uma postura protagonista desses sujeitos ao reagirem e lutarem contra as barreiras historicamente construídas que limitam os espaços de expressão e acesso à informação que impedem de ressignificar os signos, dispositivos e memórias e de construir novas narrativas com o coletivo.

Nessa conjuntura, ainda evidenciando o desejo desses(as) discentes de Biblioteconomia em retornarem para suas comunidades – como também uma postura protagonista que transparece em suas narrativas, conforme defendido por Perrotti (2017), que afirma ser o protagonismo uma forma de resistência, combate e enfrentamento ao antagonismo que afeta o coletivo –, percebe-se o desejo desses(as) de desenvolverem projetos para/com sua comunidade em que dispositivos informacionais e culturais possam estar à disposição dessa.

Planejo desenvolver projetos sociais. (DQB09)

Fazer um projeto de uma biblioteca, seja ela escolar ou comunitária, para que o povo tenha acesso aos diversos benefícios que uma biblioteca tem a proporcionar em termos de conhecimento e principalmente os benefícios que a leitura tem na vida do cidadão. (DQB14)

Depois de formado pretendo construir mais projetos para minha comunidade de incentivo à leitura e ação cultural mostrando a nossa cultura para que isso não se perca. (DQB15)

Desejo que minha comunidade tenha uma biblioteca física. Isso me gera alguns gatilhos voltados pra lá. (DQB16)

Observa-se nas respostas anteriores o desejo dos(as) discentes, participantes desta pesquisa, de agirem a favor de suas comunidades por meio da produção de projetos que viabilizem a construção de dispositivos; entre esses, bibliotecas, haja vista que estão relacionadas a sua formação profissional e à possibilidade de interferir na transformação de sua comunidade. Também, ao mencionarem os projetos, associam as políticas públicas, fato que implicitamente relaciona-se à resistência no campo público, de tornar visíveis e centrais aspectos que tentam colocar à margem expressões por (re)conhecimento que historicamente grupos hegemônicos tentaram tornar inaudíveis.

A produção desses projetos citados nas narrativas, a partir da formação consciente e humanizadora desses(as) discentes, pode responder às cobranças sociais e históricas, discutidas por Ribeiro (2017), em que grupos discriminados, como os pertencentes às comunidades quilombolas, criem estratégias de enfrentamento às desigualdades. Assim, o agir desses(as) protagonistas pode favorecer (e deseja-se que favoreça) a criação de bibliotecas como ambientes de insurgência ao que está posto, de expressão ao que foi silenciado e de visibilidade contra as tentativas de apagamento, a fim de ampliar a possibilidade de atuação consciente de bibliotecários(as) que podem apoiar a formação de leitores críticos que descolonizam conhecimentos e narrativas e provocam mudanças socioculturais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da trajetória investigativa que teve como objetivo evidenciar nas narrativas de discentes quilombolas dos cursos de Biblioteconomia indícios de posturas protagonistas em favor de suas comunidades, observou-se que ainda que três (3) discentes inicialmente tenham relatado o desconhecimento do curso de Biblioteconomia, o desejo de transformar sua realidade, somado ao conhecimento alcançado nos componentes curriculares e no acesso aos dispositivos informacionais, ampliou suas perspectivas sobre o curso e sua atuação como mediadores(as) da informação e da leitura. Assim, evidencia-se a relevância da formação desses(as) futuros(as) bibliotecários(as) como agentes mediadores(as) conscientes de sua constituição identitária e da cultura que os relaciona a outras vidas, especialmente que integram sua comunidade quilombola.

Vale destacar, a partir dessas percepções, a importância dos(as) docentes dos cursos de Biblioteconomia, durante o processo de formação desses(as) bibliotecários(as), em estimularem o

compartilhamento das experiências e das histórias de vida dos(as) discentes e de suas comunidades, em um processo de evocar seus traços culturais, que criaram condições para que esses(as) chegassem até o curso. O ato de leitura de si também pode contribuir para o fortalecimento de uma ação consciente sobre o mundo e para a formação de sujeitos humanizadores e que atuam na perspectiva da ressignificação de vidas dos diferentes sujeitos.

Associada a essa percepção, a leitura também foi evidenciada como um ato importante para ressignificar as vidas tanto desses(as) futuros(as) bibliotecários(as) quanto de outros sujeitos que esses(as) desejem apoiar por meio de atividades mediadoras em suas comunidades. Constatou-se por meio das narrativas o entendimento de que a leitura pode possibilitar, a partir das ações conscientes desses(as) bibliotecários(as), a apropriação da informação e a construção de novos conhecimentos para a transformação de vidas. Dessa maneira, esses sujeitos desejam agir, por meio do conhecimento obtido em sua formação como bibliotecário(a), para o desenvolvimento de sua comunidade.

Contribuir com o fortalecimento da cultura, a ampliação do acesso à informação e o desenvolvimento de atos de leitura consciente também se relaciona ao desejo desses sujeitos em retornarem para suas comunidades e desenvolverem projetos sociais. Os(as) discentes narram sobre a criação de projetos que podem fomentar essas práticas – de leitura, acesso à informação e ação cultural –, como também a criação de bibliotecas em suas comunidades. Tais narrativas evidenciam uma conscientização e uma postura protagonista por parte significativa desses(as) discentes quilombolas que, por meio de sua formação em Biblioteconomia, buscam modificar estruturas complexas que possam ceder a transformação de suas vidas e de outros sujeitos que também poderão ser agentes protagonistas que agem a favor da liberdade de opções para o coletivo.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Luis Paulo Vieira. **Compreendendo probabilidade e estatística**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-

Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 14 fev. 2023.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Mediação da leitura e alteridade na educação literária. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 4, p. 1-14, 2020.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silva Tatiana Maurer et al (org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. Cap. 6. p. 58-75.

DAMATTA, Roberto da. Você tem cultura? **Jornal da Embratel**, Rio de Janeiro, p. [1-4], 1981.

GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p. Tradução de: Jess Oliveira.

LIMA, Celly de Britto; PERROTTI, Edmir. Bibliotecário: um mediador cultural para a apropriação cultural. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 161 – 180, jul./dez. 2016. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/repositorio/2017/02/pdf_33d83e264a_0000022785.pdf. Acesso em: 14 fev. 2023.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. p. 11-26. In: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: Edufba, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SILVA, Bárbara Damiane da; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Práticas de mediação cultural nas bibliotecas públicas municipais de Londrina/PR. **Biblionline**, João Pessoa, n. 2, v. 13, p. 30-43, 2017. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/16140>. Acesso em: 9 fev. 2023.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas sociais em biblioteconomia: percepções e aplicações. In: SPUDEIT, Daniela; MORAES, Marielle de (org.). **Biblioteconomia social: epistemologia transgressora para o século XXI**. São Paulo: ABECIN, 2018. p. 25-48.

COMING HOME WITH A “SUITCASE FULL OF KNOWLEDGE”: perspective of a protagonist posture of quilombola students of Librarianship

Abstract: The objective of this study was to highlight, in the narratives of quilombola students in Librarianship courses, evidence of protagonist postures in favor of their communities. As for the methodological trajectory, this research is characterized as descriptive, of a qualitative nature, whose technique was the application of questionnaires to students of Librarianship courses, in face-to-face and distance education, in Brazil. Among the results, it was observed that fifteen (15) students expressed the desire to return to their community and only two (2) of them responded negatively about this possibility. It was found that there is a desire from these students to develop projects for/with their community, where

informational and cultural devices may be available to them, which shows a protagonist posture of these students.

Keywords: Quilombola students of Librarianship. Cultural mediation. Reading. Protagonism.